

ESPOROTRICOSE FELINA NO BRASIL E A RELAÇÃO COM A SAÚDE PÚBLICA

Karoline Victória Vieira¹; Gustavo Henrique Lima Pinto²; Karina Scarpel Boschi Polizel³; Selene Daniela Babboni⁴.

¹Faculdade Anhanguera, São José dos Campos, São Paulo. <https://lattes.cnpq.br/1112562352515720>

²Faculdade Anhanguera, São José dos Campos, São Paulo. <http://lattes.cnpq.br/0046832658887939>

³Faculdade Anhanguera, São José dos Campos, São Paulo. <http://lattes.cnpq.br/5503853961646056>

⁴Faculdade Anhanguera, São José dos Campos, São Paulo. <http://lattes.cnpq.br/6356322702339614>

DOI: 10.47094/IIICOLUBRAIS.2023/RE/14

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Única. *Sporothrix*. Zoonose.

ÁREA TEMÁTICA: Vigilância em Saúde.

INTRODUÇÃO

O gato doméstico (*Felis catus*), atualmente, pode ser encontrado em quase todos os países e teve sua origem a partir da domesticação do gato selvagem (*Felis silvestris lybica*), que tem como características o estilo de vida livre, solitária e territorialista (KOYASU *et al.*, 2020). Esse processo ocorreu de maneira lenta, a partir da interação desses animais com os seres humanos, devido a procura por alimentos através da caça (KOYASU *et al.*, 2020). Com isso, o gato sofreu a inserção no ambiente domiciliar a fim de preda pragas e roedores, resultando em uma relação de sinergia na qual o ser humano se tornava livre desses problemas e o animal obtinha seu alimento (CROWLEY; CECCHETTI; MCDONALD, 2020).

Com a domesticação, os animais estão cada vez mais próximos dos seres humanos, esse vínculo apresentou crescimento com o passar dos anos. Os felinos passaram a fazer parte do convívio diário e até mesmo, serem considerados membros da família. Os animais interagem com as pessoas através do seu comportamento, a forma com que se comportam diz muito sobre a sua vida, como se sentem, o que querem e sobre o seu estado geral de saúde (BROOM, 2011).

Os gatos, de modo geral, podem ser agrupados em três categorias, considerando o local e a maneira como conduzem suas vidas: 1) Gatos Domésticos, que recebem cuidados de um tutor ou uma família, os quais providenciam para suas necessidades; 2) Gatos Errantes, encontrados perambulando por áreas urbanas e/ou propriedades, possivelmente dependendo de recursos oferecidos por seres humanos, embora não compartilhem residência com estes; 3) Gatos Ferais, que vivem e se reproduzem em ambientes naturais, subsistindo por meio da caça e busca por alimentos descartados pelos seres humanos, de maneira que suas exigências não são intencionalmente atendidas pela intervenção humana (PINTO *et al.*, 2021; RAMOS, 2015).

A população de gatos ferais e de gatos errantes apresentam problemas para a saúde pública e bem-estar, devido a sua relação, há possibilidades de transmissões de zoonoses, no qual aumentam o risco de doenças infectocontagiosas para outros animais e, sobretudo,

aos humanos (GILHOFER *et al.*, 2019), todavia as três categorias de gatos podem ser acometidas por estas doenças quando há descuido tanto dos tutores como do poder público. Dentre as doenças que os gatos podem se infectar, a esporotricose é uma enfermidade infecciosa que atinge tanto humanos quanto felinos, originada pelo fungo pertencente ao gênero *Sporothrix*, classificando-a como zoonose. A contaminação ocorre pela introdução do fungo na pele, aproveitando-se de qualquer lesão existente (PINTO *et al.*, 2021). Já em humanos, a propagação dessa doença zoonótica ocorre através do contato com as secreções e lesões dos felinos, em situações em que a pele da pessoa apresente alguma ferida, incluindo arranhaduras e mordeduras provenientes de gatos infectados (SANTOS *et al.*, 2018).

Grande parte dos gatos que são infectados pelo *Sporothrix spp.*, recebem tratamento medicamentoso sem a orientação de um profissional médico-veterinário. Dentre as consequências de um tratamento inadequado, pode-se ressaltar na resistência aos antifúngicos, bem como em dificuldade para a adoção de um novo tratamento (GREMIÃO *et al.*, 2011). Informações sobre a doença citada, são de extrema importância quando o viés é de interesse de saúde pública.

OBJETIVO

O presente trabalho elucida a necessidade de descrever a relação animal:homem, particularmente felino:homem no que tange a esporotricose com um enfoque de saúde pública. Destacando a cadeia epidemiológica da patologia, demonstrando qual o papel do profissional da área da saúde na prevenção de doenças zoonóticas e o elo de saúde única.

METODOLOGIA

Pesquisa bibliográfica de cunho descritivo, utilizando as palavras-chave “Sporotrichosis”, “Feline”, “Zoonosis” e “Saúde Pública”, na base de dados do Scielo, Pubmed, Pubvet e Boletins epidemiológicos para seleção de artigos publicados nos últimos cinco anos. A seleção das publicações baseou-se na leitura sistemática de títulos e resumos em inglês e português, objetivando abranger os relatos e discussões de casos relevantes através de fontes jornalísticas, revistas médicas e artigos científicos para a revisão proposta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Brasil apresenta uma alta incidência de casos positivos para infecção por *Sporothrix*, sendo considerado um epicentro para a transmissão zoonótica, principalmente quando se trata de felinos. O abandono desses animais, por parte do tutor, seja por medo de infecção, dificuldade de manejo ou custo financeiro envolvido no tratamento de longa duração, contribui para o crescimento da doença no país, assim como para um impacto no sistema de saúde pública (ALVAREZ; OLIVEIRA; PIRES, 2022; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

Mundialmente a distribuição deste patógeno é descrita como uma doença de distribuição universal, mas com predominância em locais de clima tropical e subtropical. No entanto, a prevalência das espécies difere em sua distribuição global (CHAKRABARTI *et al.*, 2014; ZHANG *et al.*, 2015). Por exemplo, a espécie *S. brasiliensis* é endêmica no sudeste da América do Sul, e a espécie *Sporothrix globosa* na Ásia, já o *S. schenckii* encontra-se principalmente na África do Sul, Austrália e Américas (CHAKRABARTI *et al.*, 2014; ZHANG *et al.*, 2015)

No Brasil, o primeiro caso reportado de esporotricose zoonótica (felino-humano) foi em 1955 (RODRIGUES *et al.*, 2020), a partir da década de 1990 houve uma explosão de casos felinos no município do Rio de Janeiro e desde os anos 2000 houve relatos no estado do Paraná (RODRIGUES *et al.*, 2020). Já para a doença em humanos, até 2019, com exceção de Roraima, todos os estados brasileiros já apresentam casos de esporotricose humana (RODRIGUES *et al.*, 2020).

Embora em alguns estados como Rio de Janeiro, Pernambuco, Minas Gerais, Camaçari (Bahia) e Paraíba, a notificação obrigatória da ocorrência de esporotricose humana tenha sido instituída, ainda não se tornou uma realidade para toda a extensão do território Brasileiro (ALVAREZ; OLIVEIRA; PIRES, 2022; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023). No entanto, com o aumento dos episódios de infecção, municípios como São Paulo, implementaram a notificação compulsória, que deve ser realizada pelos serviços de saúde e veterinários, privados ou particulares, de todos os casos, sejam de suspeita ou de confirmação da doença em humanos ou animais (PORTARIA Nº 470/2020).

A identificação da esporotricose em animais é de extrema importância para a detecção da infecção em humanos (SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE, 2023). Por isso, acrescenta-se também à esse cenário, que segundo o boletim epidemiológico, 117 Unidades de Vigilância de Zoonose (UVZ) dentre as 287 atuantes no país apresentam a boa prática da notificação da doença em animais, mesmo sem obrigatoriedade vigente, destacando a importância local para o monitoramento de casos e perfil epidemiológico da região em que se encontram (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

O município de São Paulo apresentou no ano de 2020, 1050 notificações de esporotricose felina, sendo os meses de março e abril marcados pelo menor número desses registros, dados que podem ser relacionados ao isolamento social ocasionado pela pandemia do vírus SARS-CoV-2. Dentre essas notificações, 653 (62,19%) animais foram confirmados como portadores da doença, enquanto 397 (37,81%) apresentaram resultado negativo para *Sporothrix* (CARDOSO *et al.*, 2023).

Ainda na cidade de São Paulo, os distritos administrativos somaram, entre os anos de 2010 e 2020, 374 casos confirmados de esporotricose humana, sendo 12 registrados em 2020. Entre esses distritos, aqueles que apresentaram a maior incidência nesse período de 10 anos, foram Itaim Paulista, Grajaú, Jaraguá, Itaquera, Pedreira, Vila Maria, Penha, Capão Redondo, Tucuruvi e Jacanã. Destaca-se que com a exceção de Itaim Paulista, Pedreira, Capão Redondo, os demais distritos administrativos não apresentaram notificação no de

2020 (SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE).

A esporotricose é uma doença emergente que aumenta a preocupação dos profissionais a cada ano, um animal infectado é uma potencial fonte de infecção. Em uma pesquisa realizada por (OLIVEIRANETO *et al.*, 2018) apenas 9% das pessoas entrevistadas sabiam da existência da doença, e como discutido pelo autor, esse desconhecimento colabora para a propagação da enfermidade, o que enfatiza a importância na busca de conhecimento sobre a zoonose.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que boletins epidemiológicos e dados divulgados em sites oficiais se tornam essenciais para o controle efetivo da esporotricose. A Saúde Pública necessita destes dados para que a Vigilância Epidemiológica possa agir nas regiões com indicadores da presença desta zoonose, conseqüentemente executar ações no que tange o controle de felinos errantes e ferais, além disso, trazer a informação aos tutores de felinos domésticos. A sinalização sobre a doença deve ser informada para a sociedade, visto que há transmissão felino:homem. Por fim, ações educativas e sanitárias nesses locais devem ser incluídas em projetos e ações tanto do setor público como privado, preservando a saúde animal, humana e ambiental, o que se faz referência a Saúde Única.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Carmen Magaly; OLIVEIRA, Manoel Marques Evangelista; PIRES, Regina Helena. Sporotrichosis: a review of a neglected disease in the last 50 years in Brazil. **Microorganisms**, [S.L.], v. 10, n. 11, p. 2152, 30 out. 2022. MDPI AG. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9695284/>>. Acesso em: 01 dez. 2023.
- CARDOSO, Tadeu Campioni Morone *et al.* **Perfil clínico-epidemiológico de felinos domésticos notificados com esporotricose no município de São Paulo no ano de 2020**. 2023. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2023/04/1427465/document.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2023.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. **Boletim epidemiológico - Estrutura e atividades das unidades de Vigilância de Zoonoses no Brasil, 2022**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2023/boletim-epidemiologico-volume-54-no-04/view>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- SANTOS, Agna Ferreira *et al.* Guia prático para enfrentamento da esporotricose felina em Minas Gerais. **Revista V&Z**, [s. l.], v. 137, n. 38, p. 16-27, abr./mai./jun. 2018. Disponível em: <<https://crmvmg.gov.br/arquivos/ascom/esporo.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE. **Vigilância e Manejo Clínico da Esporotricose Humana no Município de São Paulo**. 2023. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/Nota_tecnica_09_2020_esporotricose_humana_03_07_2023.pdf. Acesso em: 06 jul. 2023.